

POR UMA LITERATURA MENOR: A *ESTÓRIA DA GALINHA E DO OVO* COMO MARCA SUTIL DE PROTESTO DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA

Jhony Adelio Skeika¹

RESUMO: Este trabalho pretende fazer uma breve análise do conto *Estória da Galinha e do Ovo*, de José Luandino Vieira, uma das três narrativas do livro *Luuanda* (1964), no que diz respeito ao funcionamento do texto como forma de protesto do autor frente à realidade de Angola antes da sua independência. Assim, a partir do conceito de Literatura Menor de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1977), serão identificadas e discutidas algumas características que autorizam a leitura do conto como um texto engajado: escrita literária desterritorializada, envolvimento político e a repercussão a partir do seu valor coletivo.

Palavras-chave: *Luuanda*; Literatura Menor; Protesto.

Towards a minor literature: the story of the chicken and the egg as a mark of José Luandino Vieira's subtle protest

ABSTRACT: This article intends to make an analysis of *Story of the Chicken and the Egg*, one of the three tales from *Luuanda*, by José Luandino Vieira. The proposal wants to verify how this text works as way of author's protest inside the reality of Angola before its independence. Thus, from Gilles Deleuze and Félix Guattari's concept of Minor Literature (1977), it will be identified and discussed some features that authorize to read the tale as an engaged text: literary writing deterritorialized, political commitment and the repercussion because its collective value.

Keywords: *Luuanda*; Minor Literature; Protest.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Embora nascido em Portugal, José Vieira Mateus da Graça, mais conhecido como José Luandino Vieira, é um importante escritor angolano² que participou ativamente no movimento de libertação de Angola. Em seu livro *Luuanda*, escrito em 1963 enquanto o

¹Doutorando em Estudos Literários - Universidade Estadual de Londrina (PR). Professor - Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR). jhonyskeika@yahoo.com.br

² Luandino Vieira se considera angolano porque passou a infância e a juventude em Luanda. Um exemplo dessa aderência do autor à identidade africana está no seu próprio nome, o qual foi mudado como uma explícita tomada de posição ideológica a favor de um dos lados da disputa política em que se envolviam Portugal e Angola. (...) O gesto de Luandino não indica, pois, a subtração da nacionalidade ou raízes portuguesas, mas a inserção de uma naturalidade mais profunda, posto que resultante de uma escolha afetiva, cultural, ideológica (MARTINS, 2010, p. 172).

escritor estava preso, mas apenas publicado em 1964, Luandino trata do cotidiano dos musseques³ de Luanda, cidade angolana e também capital do jovem país⁴, mas por trás de narrativas aparentemente ingênuas, como a briga de duas vizinhas pelo ovo de uma galinha, o autor traz um posicionamento bem fundamentado a respeito da opressão da colonização portuguesa.

Segundo Aulus Mandagará Martins (2010, p. 169), os contos de *Luuanda*, assim como outros textos literários publicados no mesmo período, a exemplo de *Mayombe*, de Pepetela, ãinscrevem-se no debate político que mobilizava o contexto africano e, no caso específico, a sociedade angolana, assumindo inequívoca posição ideológica, anticolonialista e revolucionária. Sabe-se que a publicação desse livro de Luandino aconteceu após a propagação das primeiras tentativas de organizar levantes revolucionários em Angola (op. cit.), o que nos permite tomar as narrativas da obra como uma espécie de protesto velado em relação à situação político-social na qual vivia o subjugado país africano.

Luuanda ganhou o prêmio literário angolano Mota Veiga, em 1964, e o Grande Prêmio de Novelística, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Escritores (SPE), em Lisboa, em 1965, condecoração esta que causou uma grande polêmica e chamou a atenção do governo salazarista a ponto de o PIDE⁵ encerrar a SPE. A respeito disso, Júlia Figueredo Benzaquen aponta:

Luandino foi membro do MPLA (Movimento para Libertação da Angola) que lutava contra o domínio português na então colônia e a favor da formação da República Popular de Angola. Foi preso em 1959, acusado de ligações com o movimento de independência. *Luuanda* foi escrito em 1961-62 no Tarrafal, em Cabo Verde, onde Luandino estava preso por motivos políticos. No período da forte ditadura salazarista era inconcebível que a Sociedade Portuguesa de Escritores premiasse uma obra de um preso político que lutava pela libertação. (BENZAQUEN, 2008, p. 14).

Dessa forma, entendendo que este livro de José Luandino Vieira representava uma ofensa, senão uma ameaça, ao julgo do colonizador, este trabalho pretende fazer uma breve análise do conto *Estória da Galinha do Ovo*, a terceira e última estória⁶ de *Luuanda*⁷,

³ Designação dada aos bairros dos arredores de Luanda.

⁴ A independência de Angola aconteceu em 1975.

⁵ PIDE: Polícia Internacional e de Defesa do Estado ó polícia existente em Portugal entre 1945 e 1969.

⁶ É com esse termo que o próprio Luandino caracteriza as narrativas de *Luuanda*: ãE entregou-me um livro Sagarana, de Guimarães Rosa, onde vi escrita a palavra que eu tinha escolhido para designar as minhas novelas que não eram novelas, mas que eram mais extensas que contos e que tinham uma forma muito ligada à oralidade: ãestória. Na primeira edição [de *Luuanda*] ainda está entre parênteses o título em quimbundo: Musoso uá sanji ni uá diiaki, isto é, uma estória como se fosse uma história tradicional, um musoso, contada e recontada e que portanto segue um processo de narrativa oralö (RIBEIRO apud BENZAQUEN, 2008, p. 1).

procurando identificar e discutir alguns elementos da narrativa que podem ser tomados como uma espécie de resposta autoral à situação política e social de Angola, à opressão do governo salazarista e ao sofrimento do povo angolano, especificamente dos moradores dos musseques de Luanda.

Para tal abordagem, investirei na leitura do conto a partir do conceito de Literatura Menor, dos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. Esses filósofos pós-estruturalistas analisaram a obra de Franz Kafka⁸ e chegaram à conclusão de que a produção do escritor tcheco era pautada por algumas peculiaridades como a apropriação e desterritorialização da linguagem dominante (Kafka era judeu, falava o ídiche e o tcheco, mas escreveu em alemão) e o seu latente engajamento político e ideológico, o que atribui à sua literatura uma função social de forte denúncia e crítica ó características que ajudam a montar o conceito que eles chamaram de Literatura Menor.

É importante deixar claro que não desconsidero que talvez a melhor entrada para a discussão a que este trabalho se propõe a fazer se daria pelo caminho já bastante trilhado e conquistado pela crítica pós-colonialista. No entanto, entendo que seria também bastante proveitoso o diálogo que se pode estabelecer entre a teoria de dois filósofos marginalizados dentre os seus iguais, os quais criticaram abertamente o sistema capitalista despótico e suas ramificações, e a obra de Luandino Vieira, uma vez que é possível identificar no conto aqui escolhido para análise características que o ligam ao conceito de Literatura Menor, já que possui engajamento político, desterritorializa a língua do colonizador e teve uma grande repercussão social.

UMA LITERATURA EM PROTESTO SUTIL

Em seu texto *Literatura e subdesenvolvimento*, Antonio Candido (1989) discute importantes questões relacionadas à Literatura de países em desenvolvimento. Embora o texto trate especificamente de questões referentes à realidade latino-americana, seria possível relacionarmos tais discussões ao contexto de Angola, já que também se trata de um país novo (usando a mesma expressão empregada por Candido), porém com uma produção literária muito significativa no âmbito da literatura africana/universal, haja vista o destaque da obra de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido com Pepetela, José

⁷ O livro é composto de apenas três contos: "Vovó Xíxi e seu neto Zeca Santos", "Estória do ladrão e do papagaio" e "Estória da galinha e do ovo".

⁸ *Kafka: por uma Literatura Menor* (1975).

Eduardo Agualusa e José Luandino Vieira⁹, que colocaram não apenas a Angola, mas todo o cenário africano no centro das discussões da crítica pós-colonialista.

Com base nas ideias de Candido, o escritor situado neste contexto não costuma pertencer à mesma classe social da maioria da população, a qual é em geral analfabeta, assim ele é levado a escrever para um público estrangeiro e quando se dirige à sua comunidade local o faz na língua do colonizador, ainda que engajado na luta ao lado dos colonizados.

Os escritores africanos de língua europeia (francesa, como Léopold Sédar Senghor, ou inglesa, como Chinua Achebe) se afastam duplamente dos seus públicos virtuais; e se amarram, ou aos públicos metropolitanos, distantes em todos os sentidos, ou a um público local incrivelmente reduzido. (CANDIDO, 1989, p. 144).

Pensando especificamente nos autores africanos, Candido destaca um problema: o afastamento entre o escritor e seus públicos. Para ele, o analfabetismo da comunidade local se constitui a principal causa de distanciamento do escritor e a comunidade em desenvolvimento, uma vez que a inexistência, dispersão e fraqueza de públicos reais disponíveis para a literatura causa a impossibilidade de especialização dos escritores em suas tarefas literárias, realizando, muitas vezes, um trabalho marginal ou mesmo amador. Somando-se a isso estão as debilidades logísticas como a falta de meios de comunicação e difusão (editoras, bibliotecas, revistas, jornais, etc.) que inviabilizam o desenvolvimento de uma cultura letrada capaz de interagir ativamente no processo de desenvolvimento político e ideológico do novo país.

Mesmo lembrando de que o posicionamento de Antonio Candido tem por base a realidade latino-americana, guardadas as devidas proporções, no processo de desenvolvimento literário e intelectual de Angola é possível adaptar tal diagnóstico¹⁰. Escrevendo em língua portuguesa, os autores angolanos, a exemplo de José Luandino Veira, tiveram que publicar

⁹ Seria possível citar outros escritores angolanos como Adriano Botelho de Vasconcelos (1955), Agostinho Neto (1922 - 1979), Ana Paula Ribeiro Tavares (1952), António Jacinto (1924 - 1991), Arlindo Barbeitos (1940), Henrique Abranches (1932 - 2002), Isabel Ferreira (1958), João Melo (1955), Kardo Bestilo (1976), Luís Filipe Guimarães da Mota Veiga (1948 - 1998), Ondjaki (1977), Uanhenga Xitu (1924) e Viriato Clemente da Cruz (1928 - 1973).

¹⁰ É importante lembrar que o texto *Literatura e subdesenvolvimento*, de Antonio Candido, é de 1989, sendo tal diagnóstico talvez não mais totalmente cabível na realidade angolana de 2014. Reconheço que tal panorama se distancia também em cerca de 25 anos, só que para mais, da publicação de *Luuanda* (1964), quando Angola ainda era colônia portuguesa. No entanto, mantenho minha associação levando em consideração que o jovem país ainda está em notório crescimento, necessitando ainda de grandes esforços para elevá-lo ao patamar dos países já bem desenvolvidos ó sobre isso, destaca-se o artigo (2012) de Armanda de Fátima Jesus Fortes e Nkanga Pedro João Makanda intitulado *Gestão em Angola: dicas para viver e gerir*, que faz uma propaganda de Angola para angariar novos colaboradores do país: o objectivo deste artigo é o de apresentar alguma informação útil em forma de pistas para ajudar a todo aquele que pretende sair de Portugal para ir trabalhar para Angola, contribuindo assim para o desenvolvimento desta nação amiga (2012, p. 2).

seus textos também fora da África, uma vez que a repercussão local não era suficiente para maximizar a função da Literatura produzida naquele específico contexto: denunciar as mazelas de um povo subjugado e oprimido por um governo despótico. No dilema destacado por Candido (1989, p. 144), os escritores estavam entre os públicos metropolitanos, distantes em todos os sentidos, e o público local completamente reduzido. Cabe pensar aqui que a escolha pela difusão do texto literário em outros âmbitos, como, no caso, o do próprio colonizador, não subverte a determinação de protesto da obra, mas, ao contrário, pode potencializá-la.

Essa conduta do texto literário pode se ligar ao conceito de Literatura Menor sustentado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, dois filósofos franceses que identificaram na produção de Franz Kafka uma índole revolucionária, mesmo que de forma latente. Uma literatura menor não pertence a uma língua menor, mas, antes, à língua que uma minoria constrói numa língua maior. E a primeira característica é que a língua, qualquer modo, é afetada por um forte coeficiente de desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 38).

Essa primeira característica é facilmente identificada no conto *Estória da Galinha e do Ovo* de José Luandino Vieira, texto que é foco de análise neste trabalho. Nesta narrativa é perceptível a mistura da língua portuguesa (língua do colonizador) e a língua local, do colonizado, o quimbundo (ou *kimbundo*), e essa hibridez linguística pode demonstrar algumas intenções do texto.

O conto narra o conflito entre duas vizinhas, *nga*¹¹ Zefa e *nga* Bina pela posse do ovo da galinha Cabíri¹²: a primeira afirma que tem direito porque a galinha lhe pertence; a segunda defende que, além de botar em seu quintal, a ave sempre comia do milho que a mulher lhe dava. A confusão envolve muitos moradores do musseque Sambizanga de Luanda, a maioria crianças (*monas*) e mulheres, mas aparecem também o dono da venda local, Sô Zé, um rapaz seminarista chamado João Pedro Capita, o Azulinho, e o proprietário das terras do bairro, Sô Vitalino ó três homens (o seminarista representando o ôsô padreö) que querem também ter o direito de posse do ovo. A algazarra termina com a chegada da polícia que, com uma atitude repressiva, dá fim ao conflito das duas vizinhas obstinadas.

¹¹ *Nga* é uma forma de tratamento respeitoso para com homens ou senhoras, na terceira pessoa do singular; senhor; senhora; dona. (Fonte: INFOPÉDIA)

¹² *Cabíri*: galinha. (Fonte: INFOPÉDIA)

Durante toda a narrativa é possível perceber a utilização de muitas palavras que não fazem parte do léxico do português padrão (mesmo de 1963), demonstrando o hibridismo linguístico na escrita de Luandino que, mesmo sendo português de nascimento, se considerava angolano, portanto falava a língua local, o quimbundo. Reparemos no seguinte trecho: òSô Zé da quitanda tinha visto passar nga Zefa rebocando miúdo Beto e avisando para não adiantar falar mentira, senão ia-lhe pôr mesmo jindungo na língua. Mas o monandengue refileva, repetia: ô Juro, sangue de Cristo! Vi-lhe bem, mamã, é a Cabíri!...ö (VIEIRA, 1982, p. 99 ó 100).

Nota-se que ao lado de construções típicas do português lusitano padrão, como a ênclise, há o emprego de palavras da língua angolana como *nga*, *monandengue*¹³ e *cabíri*, sem falar no uso da locução interjetiva *cristã*, o que pode conotar a assimilação livre ou não arbitrária de princípios religiosos e culturais do colonizador por parte do subjugado. Essa desterritorialização da linguagem, segundo Deleuze e Guattari, é a principal característica do que eles chamam de Literatura Menor, uma vez que é basicamente pelo discurso que o tom de protesto pode se instalar, mesmo que de forma velada. Ao desterritorializar a língua padrão de Portugal, Luandino Vieira, atendendo a uma lógica de uso do povo angolano obrigado a falar o português, òsuaõ a língua do colonizador com vocabulário, estrutura gramatical, expressões da língua do colonizado.

De acordo com Lilian Barbosa,

Não é possível considerar o discurso empregado em *Luuanda* como integrante do português padrão, o texto utiliza palavras da língua portuguesa, mas ora as encaixa em estruturas gramaticais do quimbundo, ora emprega palavras, frases inteiras e ditos populares na língua bantu. O texto está tão próximo do português quanto do quimbundo, está bastante próximo, também, do popular, e ainda, não está isolado na estrutura escrita, pois carrega forte carga oral, tanto na formalização da narrativa, quanto no conteúdo. (apud GAMA; SOUZA; BARBOSA, 2012, p. 1).

É em relação a isso que Gilles Deleuze e Félix Guattari se referem quando afirmam que a Literatura Menor é afetada por um forte coeficiente de desterritorialização linguística. A apropriação da língua e do discurso do *outro* me garante autonomia perante ele, fazendo com que aspectos de suas identidades expressos na sua linguagem possam ser apropriados e, assim, modificados por mim, pela minha linguagem e minhas identidades. Como esclarecidamente discute Manuel Rui, ò *não posso matar o meu texto com a arma do outro*.

¹³ *Monandengue*: jovem. (Fonte: INFOPÉDIA)

Vou é minar a arma do outro com todos os elementos possíveis do meu texto. Invento outro texto. Interfiro, desescrevo para que conquiste a partir do instrumento escrita um texto escrito meu, da minha identidade (apud CIONE, 2012, p. 77).

Essa desterritorialização da língua do colonizador e reterritorialização na língua no colonizado, e vice-versa, pode ser vista como uma velada, mas eficaz forma de protesto, o que garante ao texto literário concebido nestes termos um engajamento político e social, a segunda característica da Literatura Menor. Uma vez que as estratégias de dominação dos detentores do poder são quase sempre de forma violenta, haja vista a forma como, no conto, a polícia aborda a confusão das vizinhas¹⁴, a literatura enquanto forma de rebelião silenciosa parece ser uma sensata tática de resistência; e parece ser isso que Luandino faz. Desrespeitando a língua maior, no que concerne à *õmanchaõ* que o quimbundo faz na estrutura e léxico do português, o livro *Luuanda* parece se inserir claramente na onda engajada do Movimento Popular de Libertação de Angola (o MPLA)¹⁵, do qual José Luandino Vieira e outros autores faziam parte.

A segunda característica das literaturas menores é que nelas tudo é político. Nas *õgrandesõ* literaturas, ao contrário, o *caso individual* (familiar, conjugal, etc.) tende a ir ao encontro de outros casos não menos individuais, servindo o meio social como ambiente e fundo (...). A literatura menor é totalmente diferente: seu espaço exíguo faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado à política. O caso individual se torna então mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 39).

Pensando nisso, o caso individual em *Estória da Galinha e do Ovo* ó a briga aparentemente simples e boba de duas vizinhas ó esconde uma realidade de opressão de um povo negro e pobre de uma colônia governada por brancos. A briga por um único ovo, tão séria que precisou passar até pela polícia para se apaziguar, revela uma realidade de extrema pobreza dos musseques angolanos, haja vista nga Bina que fez compras na quitando de Sô Zé e não teve dinheiro para pagar; ela estava grávida e desejava muito comer o ovo, mesmo cru. Também é possível verificar a resignação do povo perante os brancos, isso pode ser visto quando, na falta de alguém que resolva o *õimpasse ovíparoõ* que se estabeleceu no bairro de Sambizanga, *vavó Bebeca* se pronuncia:

¹⁴ *õSó mesmo quando o sargento começou aos socos nas costas é que tudo calou e começaram ainda arranjar os panos, os lenços da cabeça, coçar os sítios das pancadas. Os dois soldados tinham também entrado atrás do chefe deles, sem licença nem nada, e agora, um de cada lado do grupo, mostravam os cassetetes brancos, ameaçando e rindo. Mas o sargento, um homem gordo e baixo todo suado, tinha tirado o capacete de aço e arreganhava:*

ô Bando de vacas! Que raio de coisa é esta? Eh!? O que é que sucedeu?õ. (VIEIRA, 1982, p. 119).

¹⁵ *õO MPLA seria inicialmente constituído por militantes kimbundus, oriundos de Luanda e de algumas cidades ao sul, com formação no exterior, o que levava seus opositores da União das Populações de Angola (UPA) a taxá-lo de um movimento de mulatos intelectuais e urbanos (õfilhos de colonosõ)õ. (CIONE, 2012, p. 69).*

ô Minhas amigas, a cobra enrolou no muringue! Se pego o muringue, cobra morde; se mato a cobra, o muringue parte!... Você, Zefa, tem razão: galinha é sua, ovo da barriga dela é seu! Mas Bina também tem razão dela: ovo foi posto no quintal dela, galinha comia milho dela... O melhor perguntamos ainda no sô Zé... Ele é branco!... (VIEIRA, 1982, p. 105).

Há outros momentos em que os negros apresentam subserviência em relação aos brancos, um deles é quando recorrem ao Azulinho, um seminarista de apenas 16 anos: ãô Veja bem, menino! Estes casos já trouxeram muita confusão, o *senhor* sabe, agora é que vai nos ajudar. Mamã diz tudo quanto tem, o menino sabe!...ö (Ibid., p. 109. Grifo meu). É de se espantar que a sábia anciã do bairro chame um adolescente de *senhor* e peça para que ele julgue o caso ó isso pode demonstrar, além da aceitação de uma superioridade branca, também a aderência dos angolanos, por imposição ou não, à religião do colonizador. É possível perceber a mesma subordinação quando as mulheres procuram por sô Artur Lemos ou escutam Sô Vitalino na tentativa de resolver o caso. O fato é que todos os *homens brancos* que se metem no empasse querem tirar vantagem da situação tomando para si o tão quisto ovo, uma vez que as *mulheres negras* não têm direito ou coragem de tomar suas próprias decisões.

A terceira característica [de uma Literatura Menor] é que tudo toma um valor coletivo. Precisamente porque o talento não é, na verdade, muito abundante numa literatura menor; as condições não são dadas numa *enunciação individuada* pertencente a este ou aquele «mestre», separável da *enunciação coletiva*. De tal modo que este estado de realidade do talento é, de fato, benéfico e permite conceber algo diferente de uma literatura dos mestres: o que o escritor diz sozinho já constitui uma ação comum, e o que diz ou faz, mesmo se os outros não estão de acordo, é necessariamente político. O campo político contaminou o enunciado todo. (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 40).

Esse agenciamento coletivo de enunciação, em detrimento da promoção do autor individual, revela o caráter engajado do texto literário, uma vez que, para muitos autores, a citar Aulus Mandagará Martins (2010, p. 174), os contos de *Luuanda* narram a percepção do movimento revolucionário que já havia se instalado em Angola. As personagens que protagonizam tais narrativas não são revolucionárias, não estão investidas de nenhum aparato bélico, nem discutem abertamente sobre os aspectos políticos ou ideológicos de revolução ou libertação. São personagens, portanto, desarmadas, seja do ponto de vista bélico, seja do ponto de vista social, aparentemente resignadas, mas em algum momento aparentam estar tocadas pelo ideal revolucionário que permeava os bastidores de Luanda.

Em *Estória da Galinha e do Ovo* há um momento em que a polícia, de forma muito violenta, não só pela forma com que verbalmente agride as mulheres, mas também como chegam dando socos e mostrando seus cassetetes *brancos*, decide confiscar Cabíri, levá-la para a delegacia como uma espécie punição pela desordem causada, o que faria com que nga Zefa perdesse uma das fontes de alimento da sua família. Disse o sargento: òô Vocês estavam a alterar a ordem pública, neste quintal, desordeiras! Estavam reunidas mais de duas pessoas, isso é proibido! E, além do mais, com essa mania de julgarem os vossos casos, tentavam subtrair a justiça aos tribunais competentes!ö (VIEIRA, 1982, p. 120 ó 121).

O narrador nos conta que nga Zefa era rija, acostumada a lutar sempre, por isso ònão ia deixar a galinha dela ir assim para churrasco do soldado, como esses homens da patrulha queriamö (Ibid., p. 121). Para impedir que a galinha fosse resgatada, aquele sargento gordo, além de ameaçar levar sua dona presa devido à insubordinação, ergue a ave bem alto. A cena que se segue é de destaque, pois é forma que o autor encontrou para dar um desfecho, que por sinal é bem humorado, para aquela injustiça: foi então que se ouviu o cantar de um galo, mesmo às cinco e meia da tarde, e Cabíri, toda desafiada pelo chamamento,

espetou com força as unhas dela no braço do sargento, arranhou fundo, fez toda a força nas asas e as pessoas, batendo palmas, uatobando e rindo, fazendo pouco, viram a gorda galinha sair a voar por cima do quintal, direita e leve, com depressa, parecia era ainda pássaro de voar todas as horas. (VIEIRA, 1982, p. 122).

òA justiça dos tribunais competentesö foi humilhada por uma galinha. Enquanto a algazarra acontecia, o filho de Zefa, Beto, que aprendera a falar a língua dos bichos com vavô Petelu, fugiu para longe a fim de imitar o canto de um galo e assim chamar Cabíri. É possível ver na atitude corajosa e ao mesmo tempo jocosa de nga Zefa e dos filhos Xico e Beto uma insubordinação em relação ao jugo do colonizador. Assim como sugeriu Deleuze e Guattari, esse caso individual revela um posicionamento político muito claro e fundamentado no contexto das lutas pela libertação de Angola.

De acordo com Deize Pereira Bebiano (2004),

A imagem da galinha voando em liberdade em direção ao sol, à presença da Nga Bina com sua imensa barriga segurando o ovo, e a própria barriga parecendo um imenso ovo, são símbolos ligados ao princípio da vida, que está direcionado para o futuro com promessas da nova sociedade que irá surgir. E a nova sociedade, para Luandino Vieira, tem potencial para nascer a partir da união do povo simples e pobre dos musseques, das mulheres negras, e da língua misturada falada verdadeiramente pelo povo. (apud GAMA; SOUZA; BARBOSA, 2012, p. 4).

Esse parece ser o efeito de uma Literatura dita Menor: propiciar uma reflexão capaz de comunicar mais que uma experiência estética do texto, mas, antes disso, uma preocupação patente do autor com o âmbito coletivo. A literatura nesses termos, então, funcionaria no avesso, mesmo mantendo seu lado õdireitoõ estilizado, razoavelmente dentro dos princípios da língua maior, publicada e divulgada nos grandes centros metropolitanos. No entanto, assim como aquelas õmulheres miravam-lhes com os olhos gozõesõ (VIERIA, 1982, p. 122), essa Literatura Menor faz o mesmo, protestando de forma sutil e eficaz, rindo daqueles que estão no poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Antonio Candido, õa ideia de país novo produz na literatura algumas atitudes fundamentais, derivadas da surpresa, do interesse pelo exótico, de um certo respeito pelo grandioso e da esperança quanto às possibilidadesõ (CANDIDO, 1989, p. 140 ó 141). Por isso é comum encontrarmos hoje, na academia e em âmbitos de discussão literária, como em eventos, revistas e periódicos, muitos estudos que buscam trazer para o centro a literatura que é feita nas bordas, muitas vezes sem se preocupar com o valor estético que faz com que o texto literário seja considerado arte.

Por outro lado, esse despertar para a produção literária de países em desenvolvimento e marginalizados, como é o caso de Angola ó superando a motivação pelo exótico ó, revela grandes autores e obras que, além de cumprirem satisfatoriamente o ônus da prova estética e artística do texto, dialogam com questões extremamente pertinentes aos seus contextos, atribuindo à Literatura outras funções, como a tomada de partido político em um contexto de opressão social e a possibilidade de dar voz àqueles que não têm direito de falar.

É a literatura que se encontra carregada positivamente desse papel e dessa função de iniciação coletiva e mesmo revolucionária: a literatura é que produz uma solidariedade ativa apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem ou à distância da sua frágil comunidade, a situação coloca-o mais à medida de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 40)

José Luandino Vieira faz isso com muita propriedade em *Luuanda*, em especial no conto *Estória da Galinha e do Ovo* que foi foco da breve análise feita neste trabalho. Ao contrário do que previu Candido (1989, p. 144) ao falar do afastamento do autor subalterno e

seu público alvo, devido a uma série de fatores, dentre eles o alto índice de analfabetismo em país em subdesenvolvidos, Vieira parece se aproximar dos cidadãos de Luanda de uma forma bastante significativa ó haja vista a adoção arbitrária do nome Luandino ó, tornando-se, ao lado de outros escritores como Pepetela e Agualusa, um militante político também através da literatura.

Segundo Cione (2012, p. 78), o drama do bilinguismo vivido por escritores coloniais de outros lugares do mundo, a exemplo da situação latino-americana destacada por Candido, não pode ser identificado na literatura angolana de língua portuguesa, uma vez que se tratam de autores formados em literatura estrangeira (em especial a brasileira, como é caso da influência de Guimarães Rosa em Luandino Vieira) que conscientemente interferem no português padrão a ponto de òoralizá-lo e até òkimbundizá-lo, a fim de promover uma reflexão sobre o funcionamento da linguagem, elevar o quimbundo estética e politicamente e, por fim, òdesautomatizá-lo a leitura. O escritor, òem outros termos, não se contenta simplesmente em escrever palavras na língua local, mas utiliza sua estrutura linguística para subverter e dominar o português.

Essa é a conduta de uma Literatura Menor, segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari, fazendo com que a desterritorialização da língua maior funcione como um poderoso instrumento de reivindicação política e social. òEscrever como um cão que faz buraco, um rato que faz a toca. E, por isso, encontrar o seu próprio ponto de subdesenvolvimento, o seu patoá, o seu próprio terceiro mundo, o seu próprio deserto (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 42). Subverter a língua do colonizador é também desconstruir o seu próprio discurso, sua identidade, minar sua arma de dominação e poder, criando um patoá, uma zona de subdesenvolvimento capaz de fazer uma sutil e velada rebelião sem que sangue, de fato, seja derramado.

Em *Luuanda*, o engajamento político acontece pelo expressivo trabalho com a linguagem, pela forma como a figura autoral subverte o código de expressão do colonizador. Luandino Vieira escreve este livro òem um período em que o confronto bélico entre Portugal e Angola ainda não tinha atingido seu ápice, a aspiração evolucionária pode ser entendida mais em termos de uma consciência linguística e poética do que propriamente política, no sentido restrito da práxis guerrilheira. (MARTINS, 2010, p. 174)

Dessa forma, podemos ver como, segundo Antônio Candido (2004, p. 175), a literatura pode ser um instrumento poderoso de instrução, educação, expressão político-social. Ela òconfirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de

vivermos dialeticamente os problemas; ela nos permite a experimentação do *outro*, mesmo que ficcional, com suas formas de vida e experiências, já que, como afirmou Deleuze e Guattari, forja meios de experimentação de outra consciência e sensibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENZAQUEN, J. F. As vozes-saberes do musseque do mundo. Ampliar a audição através de uma leitura de Luandino. *E-cadernos CES (Centro de Estudos Sociais)*. Coimbra (PT), n. 2. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/e-cadernos/media/documentos/ecadernos2/Julia%20Figueredo%20Benzaquen.pdf>>. Acesso em 16 jan. 2014.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 4 ed. reorg. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre azul/Duas cidades, 2004, p. 169 ó 191.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 140 ó 162.

CIONE, V. M. A luta anticolonial angolana em Luandino e Pepetela. *Sankofa - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, ano V, n. IX, p. 64 ó 88, jul. 2012. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/revistasankofa/sankofa-09/a-luta-anticolonial-angolana-em-luandino-e-pepetela>>. Acesso em 18 jan. 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é uma Literatura Menor. In: _____. *Kafka: para uma literatura menor*. Tradução de Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003, p. 38 ó 56.

FORTES, A. de D. J.; MAKANDA, N. P. J. *Gestão em Angola: dicas para viver e gerir*. Lisboa: 2012. Disponível em: <<http://novafrica.org/wp-content/uploads/2013/05/Gestao-em-Angola.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2014.

GAMA, A. P. F.; SOUZA, F. M. de; BARBOSA, L. Língua, Discurso e Poder: a construção da identidade em *Luuanda*, de José Luandino Vieira. In: Encontro da ABRALIC, XIII, 2012, Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: UEPB/UFCG, 2012. Disponível em: <http://anais.abralic.org.br/trabalhos/d866a98ca776ca3592f084a34884a2ce_409_170_.pdf>. Acesso em 24 jan. 2014.

INFOPÉDIA ó enciclopédia e dicionários Porto Editora. Porto: Porto Editora. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/>>. Acesso em 20 jan. 2014.

MARTINS, A. M. As margens do texto nas margens do cânone: Paratexto, texto e contexto em *Luuanda* e *Mayombe*. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 169 - 177, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/14-As-margens-do-texto-nas-margens-do-c%25C3%25A2none.pdf>>. Acesso em 16 jan. 2014.

VIEIRA, J. L. Estória da Galinha e do Ovo. In: _____. *Luuanda*. São Paulo: Ática, 1982, p. 99 - 123.